

A INVASÃO DA 212 NORTE É UMA DAS QUE SERÃO RETIRADAS, A PARTIR DE HOJE, PELO SIV-SOLO

EXPULSOS MAIS DE UMA VEZ

Karina Falcone
Da equipe do Correio

O cotidiano está adaptado para a incerteza. As famílias que insistem em ocupar a extensão do Parque Ecológico Olhos d'Água, na 212 Norte, vivem sob o imprevisto das lonas de plástico. O pouco que têm fica encaixotado, esperando o dia da mudança. Pela classificação do Siv-Solo (Sistema Integrado de Vigilância do Solo), o lugar é de moradia transitória. No modo de vida, as famílias já se adaptaram a isso. Mas a resistência pela moradia é permanente.

Pelo menos a cada dois meses fiscais do Governo do Distrito Federal (GDF) retiram as famílias do parque. Barracos que levam cerca de um dia para ser construídos, desaparecem em quase meia hora. Em todo lugar, marcas de queimadas no terreno. Segundo os moradores, o fogo é utilizado para destruir totalmente as casas. A partir de hoje, o Siv-Solo coordena uma série de retiradas nas invasões do Distrito Federal. As famílias da 212, mais uma vez, fazem parte da lista.

As retiradas são uma solicitação da Defesa Civil. A chuva prevista para a próxima semana é o argumento da operação, mas elas ocorrem com ou sem período chuvoso. Todas as invasões em áreas ribeirinhas serão desmontadas. Segundo o coordenador da Defesa Civil, Adverse Baby, as pessoas que moram nessas áreas correm risco de vida quando o volume das águas aumenta.

São aproximadamente 20 famílias morando no parque da 212 Norte. Há um mês, antes da última retirada, esse número era mais que o dobro. Para essas pessoas, a preocupação com a chuva e com a possibilidade de desabamento é menor do que a angústia de não ter para onde ir.

A maioria vem de Irecê, na Bahia. São agricultores e dependem das condições do tempo para viver. Quando não chove, a plantação é suspensa. Sem emprego, famílias inteiras mudam de cidade, procurando melhores condições de vida.

“Se deixassem a gente quieto, aqui seria um bom lugar para ficar. Todo dia a gente tem um dinheirinho. Quando não é vigiando carro, é juntando lata na rua”, diz Rosália Silva de Souza, 29 anos. Acostumados com a escassez da seca, os imigrantes acham bom trabalhar o dia inteiro por menos de R\$ 5,00. Só que cansa reconstruir os barracos derrubados nas retiradas das invasões, e eles acabam aceitando o ‘convite’ do governo para sair de Brasília: uma passagem de volta para a cidade natal.

Rosália e seus dois filhos vieram para o Distrito Federal há quatro meses. Pelo tempo de moradia na capital federal, ela não pode ser beneficiada pela política habitacional do GDF. Com medo de mais uma retirada, Rosália decidiu voltar para a Bahia no próximo mês. “As coisas lá não estão fáceis. Mas é o único jeito”, explica.

A Defesa Civil considera a área da invasão como de alto risco pois os barracos podem ser arrastados em uma enxurrada, colocando em risco a vida das pessoas. “Isso já aconteceu algumas vezes naquele lugar”, justifica Adverse Baby, sem especificar quando.

O córrego que passa no parque é uma ramificação do Córrego do Acampamento. Em tempo de seca, água corrente é alívio, ao invés de ameaça. Crianças e adultos têm onde diminuir o calor. “É uma tranquilidade aparente. Com as chuvas, toda essa área do parque fica ameaçada”, argumenta o coordenador da Defesa Civil.

Fotos: Carlos Moura



Há um mês, eram mais de 40 famílias morando à margem do córrego da 212 Norte. Ontem, perto de 20 famílias se preparavam para mais uma retirada

MEMÓRIA

ALGUNS GANHAM LOTES

A última grande retirada no Distrito Federal foi na invasão da Encol, em julho, quando não havia qualquer ameaça de chuva. Mais de 262 famílias saíram da invasão, que já existia havia dez anos. Dessas, 212 foram morar nos lotes do Riacho Fundo II, financiados pelo programa de política habitacional do GDF. Cerca de 150 pessoas não atendiam aos critérios do governo e

receberam passagens para as suas cidades.

O Córrego do Bananal, na DF-003, encabeçou a lista das novas retiradas no Distrito Federal. Por solicitação da Defesa Civil, todas as invasões próximas a áreas ribeirinhas terão que ser removidas. Só para começar, são quase 20 famílias desabrigadas. Em Samambaia, 20 barracos foram derrubados anteontem. A invasão havia começado no início do mês e Administração da cidade notificou todos os moradores sobre a irregularidade. Eles estavam ocupando terrenos do conjunto 19, nas quadras 404 e 601. (KF)